

**O processo de semivocalização de líquidas laterais em posição pré-vocálica:
uma revisão teórica**

letrônica

Gabriela Fontana Abs da Cruz¹**1 Introdução**

O processo de semivocalização presente no Português Brasileiro, assim como em outras línguas, ocorre com as consoantes líquidas em posição pré-vocálica e pós-vocálica. Os diversos estudos sobre esse tema, entretanto, abordam a semivocalização das consoantes líquidas laterais tomando como ponto de partida algum campo de estudo da lingüística específico (o estudo feito pelo viés da aquisição da linguagem, por exemplo). Assim, são raros os estudos que buscam apresentar esse fenômeno sob mais de um ponto de vista, isto é, partindo de outras áreas do conhecimento lingüístico. Por isso, este trabalho tem por objetivo analisar esse processo envolvendo as líquidas laterais /l/ e /ʎ/ em posição pré-vocálica tanto no campo da aquisição da linguagem quanto no da variação lingüística, visto ser um fenômeno mais representativo nestes campos do que em outros. Além disso, buscou-se apresentar exemplos para ilustrar tal processo, a fim de corroborar com as hipóteses apresentadas. Para tanto, utilizou-se dos conceitos de Câmara Jr. (1953 e 1987) sobre consoantes líquidas, em especial, as laterais, e os conceitos de Silva (2003) sobre o mesmo grupo. Na parte referente à aquisição da linguagem, o trabalho foi baseado nos estudos de Azambuja (1998), Hernandorena (1988, 1990 e 2001) e Mezzomo & Ribas (2004).

¹ Formada em Letras pela UFRGS e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da PUCRS com bolsa CNPq.

Quanto à variação lingüística, buscou-se discutir as propostas de Brandão (2007), Aragão (1999) e Bagno (2003). Para uma melhor organização, o presente estudo está dividido em três sessões: as líquidas laterais, na qual estão apresentadas as definições de diversos autores sobre o que são as consoantes líquidas, bem como o que são as laterais, tanto alveolar como palatal; aquisição da linguagem, em que é discutido como o processo de semivocalização está inserido na aquisição das líquidas laterais pelas crianças; e variação lingüística, que aborda a semivocalização no processo evolutivo da linguagem do português brasileiro.

2 As líquidas laterais

Dentre os grupos presentes nas consoantes, encontra-se o das líquidas, cuja denominação, segundo Azambuja (1998), provém do entendimento que geralmente se tem de que são segmentos produzidos pela língua quando originam uma oclusão da corrente de ar no canal oral.

Jacobson (1972 apud Tasca, 2002) afirma que as consoantes líquidas têm por característica o deslizamento e toma como exemplo as laterais, em que a corrente de ar, ao encontrar um impedimento em sua passagem na boca, desvia-se e desliza pelos lados da boca. Já Câmara Jr. (1977a apud Tasca, 2002) retoma os gregos, dizendo que eles assim chamaram esse grupo de consoantes, pois compararam-nas a um líquido que obliqua somente na sua direção ao vir correndo e ser interceptado.

As consoantes líquidas laterais, segundo Silva (2003), são produzidas quando o articulador ativo, ou seja, o que tem a propriedade de se movimentar, toca o articulador passivo e há obstrução da corrente de ar na linha central do trato vocal. Desse modo, chamamos de laterais porque o ar é expelido pelos lados dessa obstrução.

Nesse grupo, há dois tipos de consoantes, a alveolar /l/ e a palatal /ʎ/. A consoante /l/ caracteriza-se pelo fato de o articulador ativo, que é a lâmina da língua, tocar os alvéolos (articulador passivo). Já /ʎ/ possui como articulador ativo a parte média da língua e o articulador passivo a parte final do palato duro. (Silva, 2003). Para Câmara Jr (1987), /l/ e /ʎ/ são consoantes linguais (devido à sua articulação), sendo que para a produção da primeira a ponta da língua toca os dentes superiores, o que deixa seus lados caídos, e, para a da segunda, “o médio-dorso central da língua se estende no médio palato” (p.49), deixando os seus lados com o mesmo movimento presente nos lábios. O mesmo autor apresenta, em seu trabalho de 1953, uma característica da lateral /ʎ/, o fenômeno do “molhamento”. Câmara Jr. diz que, para Bloomfield, tal fenômeno é uma “modificação”, e, para Trubetzkoy, um “trabalho **Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.2, p 49, dezembro 2009.

complementar” (de cunho articulatorio); “ ao lado da articulação básica da consoante, outra se estabelece, que lhe dá uma tonalidade distinta” (p.102/103). Para ele, essa característica trata-se de uma iotização e considera como resultado uma consoante simples, a partir de contrastes como em *olhos – óleos*.

Bhat (1974 apud Azambuja, 1998), sob um ponto de vista diacrônico, tenta verificar qual a influência das consoantes líquidas nos sons vizinhos e vice-versa. Analisando e contrapondo os tipos de líquidas que existem, as laterais e não-laterais, afirma que as primeiras tendem a ocorrer com consoantes, enquanto as outras, com vogais. O efeito dessas consoantes sobre as vogais refere-se à propriedade de abaixamento e de posteriorização por parte das não-laterais e à de elevação e anteriorização por parte das laterais. Devido à propriedade articulatória das consoantes líquidas, as consoantes vizinhas podem sofrer processos de assimilação, mas até mesmo, e muito frequentemente, as laterais sofrem alterações. Quednau (1994) afirma que a lateral é anterior em posição pré-vocálica, como em [l]ápis, e semivocalizada em posição pós-vocálica, como em sa[w]. Entretanto, em posição pós-vocálica, pode surgir o aparecimento de um segmento velarizado [ɫ], como ocorre em algumas regiões do sul do Brasil em que há a influência de da imigração tanto alemã como italiana.

Walsh (1995 apud Azambuja, 1998) afirma que, a partir de evidências fonológicas e fonéticas, as laterais possuem, além de um componente coronal, um componente dorsal. Quando o componente coronal é perdido, o traço dorsal resulta (quase sempre) em um vocóide, enquanto a perda do traço dorsal resulta no traço coronal como consoante. Isso sugere que o traço [dorsal] das consoantes laterais é um traço de vogal e que o traço [coronal] é consonantal, assim como na representação abaixo (a partir dos pressupostos da Geometria de Traços), em que o ponto de consoante “se desdobra” em um nó primário que é coronal consonantal e um secundário que é dorsal vocálico (Figura 1).

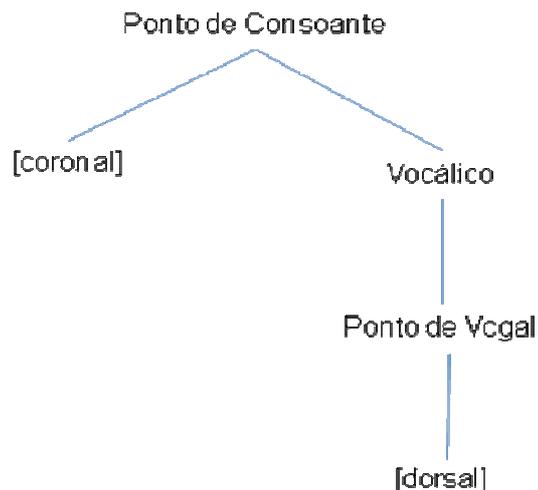


Figura 1: Representação do processo de semivocalização a partir da teoria da Geometria de traços.

3 Aquisição da linguagem

Em estudos de aquisição da linguagem, observa-se que o domínio das consoantes líquidas ocorre tardiamente, justificando-se por ser uma classe complexa, seja do ponto de vista fonético ou fonológico. Para que sejam adquiridos, segundo Mezzomo & Ribas (2004), diferentes processos são desenvolvidos.

Com relação às consoantes laterais, Edwards (1973, apud Hernandorena, 1990), define uma ordem de estágios para sua aquisição, baseando-se na língua inglesa, francesa e alemã. Primeiramente, haveria a plosivização, ou seja, // seria produzido como [d]; depois, a semivocalização, em que // seria produzido como [j]; e, antes de produzir [l], haveria a substituição entre líquidas, isto é, a produção de [r] pela mesma.

No entanto, Hernandorena aponta que, com relação à língua portuguesa, há resultados diferentes quanto às etapas de aquisição de //. O processo de plosivização referido por Edwards não ocorreria na aquisição do português, mas sim o apagamento de // (por exemplo, ['ata] para 'lata'). Com relação à semivocalização, o glide mais utilizado é [j], como em bo[j]a (para bola), ma[j]a (para mala), entre outros. Já a substituição entre líquidas não seria frequente, segundo Hernandorena, acrescentando também que, na aquisição da lateral alveolar, o segundo e terceiro processos propostos por Edward seriam invertidos quando na aquisição do português brasileiro. Essa consoante seria a primeira líquida a ser dominada na aquisição da linguagem, além de ser mais estável e também inicial que a palatal. Além disso,

Hernandorena & Lamprecht (1997 apud Mezzomo & Ribas, 2004) afirmam que /l/ em onset absoluto é adquirido primeiro em torno dos 2:8, enquanto em onset medial, em torno dos 3:0.

Quanto à aquisição de /ʎ/, esta é mais tardia que /l/, mostrando também uma não-linearidade, isto é, regressões ao longo do processo (Mezzomo & Ribas, 2004). Hernandorena (1990) afirma que na aquisição da líquida palatal /ʎ/, os estágios apresentados por Edwards (2 e 3), são cumpridos de forma invertida no português, como mostra o esquema abaixo (Quadro 1), e confirmados por Santos (1990 apud Ilha, 1993).

Estágio 1	Substituição entre líquidas [l]	Ex: “coelho” → [cu'elʎ]
Estágio 2	Semivocalização [j]	Ex: “coelho” → [cu'eju]
Estágio 3	Produção correta	Ex: “coelho” → [cu'eʎ]

Quadro 1: Estágios do processo de aquisição das líquidas laterais palatais

Com relação à alveolar palatal, Hernandorena (1996 apud Azambuja, 1998), utilizando-se da Geometria de Traços, sugere que o domínio dessa consoante começa a partir dos 2:6 – 2:7, mas com emprego adequado a partir dos 3:6 - 3:7. Anterior a essa fase, a lateral pode ser apagada ou substituída. A autora reforça que a criança adquire os sons de sua língua materna à medida que consegue ligar os traços à estrutura que os caracterizam.

Ilha (1993) afirma que a semivocalização é uma estratégia de reparo de preferência pelos sujeitos que estão adquirindo as laterais. No entanto, a autora contesta a tese de Santos (1990), a qual sugere que tal processo manifesta-se até os 2:8, sendo que a semivocalização de /r/ e /l/, até os 2:3, se daria como [w] e, a partir dessa idade, seria realizada como [j]. Ilha, em sua pesquisa, evidencia que a ocorrência de [w] deve-se à presença de uma vogal com traço [+arredondado] a qual, no contexto, precede ou antecede a líquida. No quadro abaixo (Quadro 2), são apresentados alguns exemplos da pesquisa de Ilha (1993), a qual engloba a faixa etária de 1:8 a 2:3².

Líquida /l/	Líquida /ʎ/
Balão – [ba'jw]	Orelha – [o'reja]
Cabelo – ['peju] – [ka'peju]	Palhaço – [ba'jasu]
Bala – ['paja]	Espelho – ['peju]
Estrela – ['teja]	Coelho – ['kweju]

Quadro 2: Exemplos da realização das líquidas por crianças em processo de aquisição da linguagem na pesquisa de Ilha (1993).

² Ilha (1993) encontrou semivocalizações com [w] somente quando envolviam [r], como em “carro” – [kawu].

Os exemplos abaixo (Quadro 3), referentes a uma coleta de dados para a disciplina de Aquisição da Linguagem (Pós-Graduação PUCRS), correspondem ao período dos 2:0 aos 2:02 de uma criança do sexo feminino³.

Palavra	Produções
Cavalo	[ka'bawa]
	[ka'vawo]
	[ka'vawa]
	[ka'vaja]
	[ka'baja]
	[ka'vaju]
Chinelo	[j'i'neju]
	[i'εju]
	[i'neju]
	[tj'i'εju]

Quadro 3: Exemplos de dados coletados sobre a realização da líquida lateral /l/ por uma criança de 2:0 em processo de aquisição da linguagem

Esses exemplos contestam a ordem que Santos (1990) estabelece, visto que as semivocalizações em [w] e [j] ocorrem simultaneamente e podem corroborar, de certa forma, a hipótese de Ilha (1993), a qual leva em conta o contexto com a presença de uma vogal [+arredondada] para a ocorrência da semivocalização com [w], embora ocorram, em grande maioria, produções com [j].

4 Variação Lingüística

O processo até aqui denominado *semivocalização* ocorre com as líquidas laterais /l/ e /ʎ/. Entretanto, quando na área de estudo da Variação Lingüística, observa-se que somente ocorre tal processo com a lateral /ʎ/, pois a realização de [l] como [w] vem sendo considerada uma regra geral em final de sílaba. Para que isso ocorra, há a despalatalização dessa consoante e, posteriormente, a iotização da mesma.

A iotização é um fenômeno que ocorre na fonética, que, segundo Silva (2003), é a “vocalização da lateral palatal e neste caso temos um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo /i/ que é transcrito como /y/: [maya]” (p. 40). Coutinho (1976 apud ANDRADE FILHO, 2007), insere esse fenômeno como metaplasmo por permuta,

³ A coleta foi realizada entre os meses de abril e maio de 2009.

denominando-o como *vocalização*, isto é, a conversão de uma consoante num fonema vocálico.

Segundo Brandão (2007), a lateral palatal é um dos segmentos do sistema consonantal do português menos produtivos, sendo a produção em início de vocábulo por empréstimos de outras línguas. As palavras com a lateral palatal em posição intervocálica possuem “flutuação de pronúncia”, principalmente em registros os quais são menos tensos. Essa consoante é vista, fonologicamente, como um segmento simples e também complexo. Brandão, através da perspectiva de Hernandorena (2002), afirma que do processo de cancelamento e as variantes [l] e [j] para a lateral palatal, como nos exemplos ['miu], [mu'lɛ] e [mu'jɛ], resultam o desligamento do traço vocálico secundário e do traço consonantal primário, respectivamente. Sobre o estudo da variável /ʎ/ na fala do Norte e Nordeste fluminenses, Brandão afirma que [ʎ] está presente na fala de todos os informantes da pesquisa, ocorrendo, como segunda variante mais produtiva, [l̥]; diante de [i], pode ocorrer cancelamento ou a produção de [l], por condicionamento, presença da consoante nasal palatal; e, diante de vogal aberta, é comum a produção de [j]. Segundo a autora, essas formas são muito produtivas na fala de comunidades rurais ou de baixo ou nulo nível de escolaridade.

O processo de despalatalização, de acordo com Aragão (1999), é definido como o processo em que há a perda do traço palatal do fonema e que pode ser percebida, também, como “uma variedade regional, social, estilística ou individual” (p.15). Para a autora, “o fenômeno da despalatalização, seguido ou não de iotização é um caso típico de economia da linguagem muito freqüente na linguagem popular e causado pela necessidade de facilidade de articulação” (p.15). Além disso, associado ao processo de palatalização, também pode ser encontrado o processo de iotização, que, segundo Câmara Jr. (1977 apud Aragão, 1999), é a mudança que pode ocorrer de uma vogal ou consoante para uma vogal alta /i/ ou semivogal correspondente. Segundo Aragão (1999),

Autores há que consideram esse fato um fenômeno fonético. Outros acham que é um problema influência africana, uma mudança fonética do latim para o português, ou ainda um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema e não apenas uma articulação diferente dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/. (p.15)

Melo (1981 apud Aragão, 1999) considera o processo de despalatalização sociolinguístico, referindo-se à linguagem popular e de pessoas incultas. Aragão (1999) afirma que muitos estudiosos vêem os processos linguísticos de despalatalização e iotização

como uma possível marca referente à fala dos índios e africanos que possuíam dificuldades de articulação das consoantes /ʎ/ e /ɲ/.

Bagno (2003) afirma que a realização de [ʎ] como [j] é, de maneira tradicional, considerada e taxada como “erro”, compondo o que o autor considera “traços descontínuos”. Além disso, esse tipo de realização aparece com mais frequência em variedades consideradas mais estigmatizadas, deixando de ocorrer à medida que se sobe na escala social (com as variedades mais prestigiadas). Bagno considera tais processos, embora estigmatizados, inovadores, uma vez que essa mesma etapa de mudanças foi vivenciada na língua francesa ainda no século XVIII, tomando como exemplo a palavra “bilhete”, palavra que entrou na língua por empréstimo (“billet”), cuja pronúncia hoje é [bi'je] pelos franceses. Além disso, afirma que em muitas variedades do espanhol, seja da América como da Europa, sofreram tais mudanças de maneira natural.

Jota (1976 apud Aragão, 1999) afirma que a despalatalização precede a palatalização quando na passagem do latim para o português, como, por exemplo, em lat. milia > port. milya > milha. O autor trata também a passagem de /ʎ/ para /y/ como ipsilonismo, ocorrendo na fase intermediária do latim para o português. Assim, esses processos estão resumidos no esquema abaixo (Quadro 4).

Do Latim para o Português	Iotização → Palatalização
Português (agora)	Despalatalização → Iotização

Quadro 4: Processos de evolutivos da língua portuguesa envolvendo as líquidas laterais

5 Considerações finais

Com o presente trabalho, pretendeu-se apresentar uma breve revisão teórica sobre o processo de semivocalização das líquidas laterais em posição pré-vocalica na língua portuguesa. Para tanto, foi trazido o conceito de líquidas por alguns autores, além da definição de cada consoante lateral; posteriormente, foram apresentados exemplos e resultados de pesquisas sobre o assunto, referentes às áreas de aquisição de linguagem e variação lingüística. Na primeira área, mostrou-se que a semivocalização é uma etapa natural da aquisição das líquidas, devido à complexidade de articulação desse tipo de consoantes. Já na segunda área, apresentou-se a semivocalização por uma denominação diferenciada, que envolve dois processos, a despalatalização e a iotização, e que se referem somente à consoante /ʎ/. Embora tais formas de realização da lateral palatal sejam estigmatizadas, **Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.2, p 55, dezembro 2009.

alguns autores apresentam-nas como processos evolutivos de língua, como no caso da língua francesa e variedades hispânicas. Além disso, na evolução do latim para o português, houve o processo de palatalização precedido pelo de iotização, como o que ocorre na aquisição da língua por crianças. Agora, na atual fase de nossa língua, a tendência de algumas comunidades é o processo oposto, o de despalatalização e iotização, visto que, pelo princípio da economia, essas seriam as tendências típicas a serem estabelecidas, devido à facilitação articulatória que proporcionam.

Referências

ANDRADE FILHO, João. *Variação lingüística: o caso de Furnas da Boa Sorte*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2007.

ARAGÃO, Maria. A variação fonético-lexical em Atlas Lingüístico do Nordeste. In: *Revista do GELNE*, Nº 2, 1999.

AZAMBUJA, Elen. *Aquisição das líquidas laterais do Português: um estudo transversal*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

AZAMBUJA, Elen. Aquisição das líquidas laterais do português brasileiro por crianças de 2:0 a 4:0. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, nº3. 2001.

BAGNO, Marcus. *A norma culta: Língua e Poder da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

BRANDÃO, Silvia. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, set. 2007

CÂMARA JR, Joaquim M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CÂMARA JR, Joaquim M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HERNANDORENA, Carmem. *Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

HERNANDORENA, Carmem. A aquisição de segmentos em Português e o pé métrico. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, nº3. 2001.

HERNANDORENA, Carmem. *Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos*. 1988. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

Letrônica, Porto Alegre v.2, n.2, p 56, dezembro 2009.

HERNANDORENA, Carmem; LAMPRECHT, Regina. Aquisição das consoantes líquidas do Português. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 32, nº4. 1997.

ILHA, Susi. *O desenvolvimento fonológico do português em crianças com idade entre 1:8 e 2:3*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

ILHA, Susi. *A aquisição da estrutura silábica na escrita inicial de crianças e adultos: uma relação com a consciência fonológica*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MEZZOMO, Carolina; RIBAS, Letícia. Sobre a aquisição das líquidas. In: LAMPRECHT, Regina. (Org.) *Aquisição fonológica do Português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 95-109

QUEDNAU, Laura. A vocalização variável da lateral. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.29, nº4. 1994.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

Recebido em: 24.08

Aceito em: 15.10

Contato: gabriela.abs@gmail.com